

O Potiguar

Ano IV

Nº 25

Outubro/Novembro 2001

Distribuição Gratuita



**JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS
O ANDARILHO DAS LETRAS**



CARTEIAS

Jundiaí - SP, 20/8/2001

Prezado amigo João Gothardo:

Recebi e agradeço a sua gentileza no remeter-me o exemplar da 4ª edição do livro de Veríssimo de Melo – **Sátiras e Epigramas de Zé Areia**. Junto, veio o último número de “O Potiguar” – excelente em seu gênero, como sempre. Você e os colegas de Natal prestam um

serviço invejável à cultura regional e nacional, na preservação de um tesouro sabotado, atualmente, por tantos jornalistas e escritores deslumbrados com a “estranja” medíocre. Parabéns. Obrigado. Um grande abraço. Do admirador e amigo

Adelino Brandão

Colégio Nossa Senhora das Neves

Prepara-se para

*celebrar seus 70 anos de existência:
lembrando com gratidão o passado,
vivendo com paixão o presente,
abrindo-se com confiança para o futuro*



quem estuda não esquece

www.colegiodasneves.com.br
e-mail: neves@colegiodasneves.com.br
Praça Pedro II 1055 Alecrim
59.030-000 Natal RN.
Tel: (84)211 4566 Fax: 211 8820 211 3787

EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-J. M. Vieira

Capa

-J. M. Vieira

Gerente Comercial

-Carlos Frederico Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

Núcleo Cultural



Augusto Maranhão

As fazendas da ribeira do Assu, em 1786

Em 1786, Manuel Álvares de Moraes Navarro aparece como Administrador do Gado do Vento da Ribeira do Assu. O chamado Gado do Vento, do Evento, ou Barbatão correspondia ao “gado orelhudo de ferro e sinal que, na época das propriedades indivisas, era arrematado”⁽¹⁾.

Manuel Álvares de Moraes Navarro, nascido por 1739, solteiro, ostentava a patente de capitão das ordenanças. Morava no seu engenho Potengi, em terras do atual município norte-riograndense de São Gonçalo do Amarante, possuindo também uma légua de terra na ribeira do Ceará-mirim, além de outras três léguas no riacho Malacaxeta, na mesma ribeira. O seu testamento acha-se arquivado no acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Caixa nº 71). Manuel Álvares de Moraes Navarro faleceu aos 11 de novembro de 1798⁽²⁾.

Manuel Álvares de Moraes Navarro era filho do casal José de Moraes Navarro-Francisca Bezerra da Silva, proprietários do engenho Ferreiro Torto, localizado no município de Macaíba-RN. Um tio de Manuel, também ostentando o mesmo nome do sobrinho, teve destacada atuação na chamada Guerra dos Bárbaros, ou Levante do Gentio Tapuia, tendo chegado à região do Assu, em 1699. Também o pai de Manuel participou da Guerra dos Bárbaros, na qualidade de sargento-mor

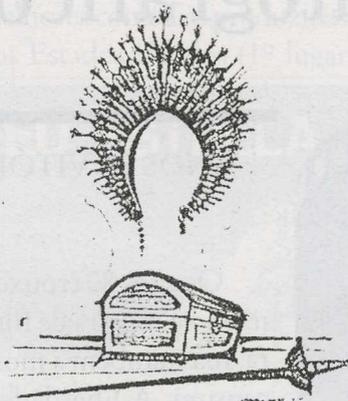


Ilustração: Newton Navarro

regente⁽³⁾.

No ano de 1786, Manuel Álvares de Moraes Navarro elaborou uma prestação de contas, referente à Cobrança dos Rendimentos do Gado do Vento da Ribeira do Assu, através da qual podemos levantar as diversas fazendas que compunham aquela ribeira. O apurado da cobrança orçou em 184\$900, incidindo sobre 87 fazendas situadas no Assu: Fazenda do Amargoso e Canafístula; do Currealinho, das Almas, de Santo Estevão, da Conceição, de Santa Maria, das Forquilhas, do Rio do Meio; dos Pocinhos e Santo Antônio; de Santa Rita, do Mangue Seco, do Salgadinho, da Mutamba,

do Panom, do Arraial Velho, das Cacimbas, do Olho d'Água, do Papaicu, do Piató, do Tabuleiro, do Chafariz, de Santa Ana; de Santa Maria e Lagoa, dos Patos, Tapera, Caiçara e Poço Limpo; do Riacho de Cima, de Santo Antonio e Almas; da Pedra Branca do Panema, da Pitombeira, do Gado Bravo de Cima, da Soledade, da Lagoa do Junco, da Cachoeira de Santa Luzia, da Passagem da Pedra Branca, dos Encantos, da Cachoeirinha; das Coroas e Adquinhon; do Ingá, da Várzea Comprida, do Jatobá, da Pedra Comprida; do Maxixe e Beldroega; do Riacho, dos Tanques, das Itans, do Oiti e Adequê; da Pindoba e Caiçara; da Ana Maria e Lagoa do Ferreiro; dos Malheiros, Estreito e Saco; do Canivete; do Eitu, Sacramento e Cuó; do Mendobim Icu, Bogio e Bonito; do Currealinho do Piató, das Tapuias, do Macaco, da Cachoeira dos Cunhas, de Santa Clara, da Arara; dos Angicos e Santa Cruz, do Riacho da Serra e Perdição; da Cachoeira do Panema, de Gaspar Lopes, de Carau de Dentro, a fazenda da Patachoca; do Pixoré e Tortado; da Caiçara de João Crisóstomo⁽⁴⁾.

(1) LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo - AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense*, p.54. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola, 1966;

(2) MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Aconteceu na Capitania do Rio Grande*, p.140. Natal: edição do Inst.Hist.e Geogr.do R.G.Norte, 1997;

(3) _____ . *Ib.ídem*, pp.119-136;

(4) RENDIMENTOS DO GADO DO VENTO DA RIBEIRA DO ASSU DO ANO DE MIL SETECENTOS E OITENTA E SEIS DE QUE EU MANUEL ÁVARES DE MORAIS NAVARRO SOU ADMINISTRADOR. Acervo documental do Inst.Hist.e Geogr. do Rio Grande do Norte, Caixa nº 98;

Olavo de Medeiros Filho()*

*Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte



HIPÓCRATES

HIPÓCRATES REDE DE ENSINO

UNIDADE	ENDEREÇO	TELEFONE
Unidade Bessa	R José Ferreira Ramos, s/n, Bessa 58.036-000 João Pessoa/PB	(83)245-9661
Unidade Centro	R Jundiá, 421, Tirol 59.020-120 Natal/RN	(84)222-4367
Unidade Luna	R Casimiro de Abreu 60, Jardim Luna 58.033-330 João Pessoa/PB	(83)244-2519
Unidade Miramar	Av. Pte Epitácio Pessoa, 3955, Miramar 58.043-000 João Pessoa/PB	(83)247-2294
Unidade Ponta Negra	R Prof. Dirce Coutinho, 1989, Capim Macio 59.082-180 Natal/RN	(84)642-1490
Unidade Zona Norte	Av. Paulista, 1897, Potengi 59.108-120 Natal/RN	(84)214-2947
Unidade Zona Sul	Av. Alameda das Mansões 2110, Candelária 59.067-010 Natal/RN	(84)206-7729
Unidade Manaira	Av. Edson Ramalho, 788, Manaira Cep: 58.038.100 João Pessoa/PB	(83)247-2525
Unidade Bairro Estádios	Av. Minas Gerais, 251, Bairro dos Estádios - 58.030-090 João Pessoa/PB	(83)243-9900
Unidade Cidade Verde	Rua Cap. Heraldo Cunha S/N - Cidade Verde Parnamirim/RN, 608-0641	(84)608-0641

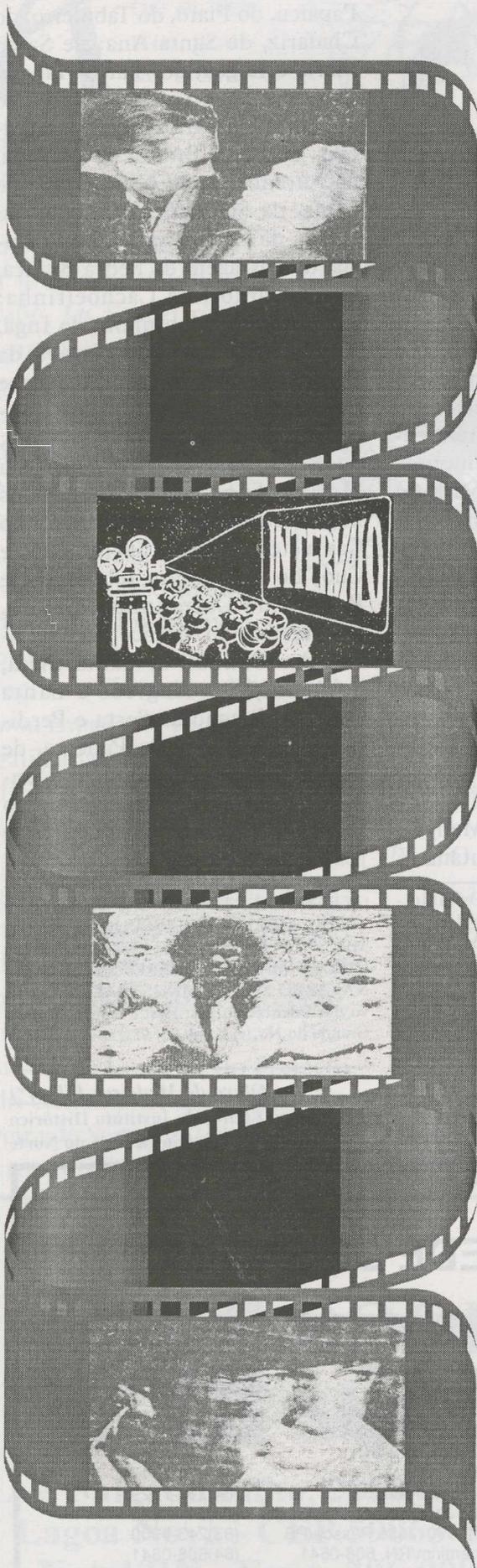
Revendo o século XX cinematográfico no RN

3ª Parte

ANOS 80: VITÓRIA DO PARALELO CONTRA O PORNOFILME

Os anos 80 trouxeram para o espectador adulto, no Brasil, não só a mostra de filmes com nus, sem as restrições da censura, mas também a mostra de sexo explícito, também agora sem censura. A liberdade de ver filmes que antes só podiam ser vistos clandestinamente, tornou-os chamarizes de público nos cinemas. Aqui em Natal, desde que foi mostrado "O Último Tango em Paris", de Bertolucci, em 1980, que todo filme que tinha sexo explícito implicava em uma boa renda nas bilheteria. E os cinemas exploravam mais ainda as expectativas ansiosas do público: quando começou a passar "O Império dos Sentidos", do japonês Nagissa Oshima, o Rio Grande aumentou os preços dos ingressos de CR\$ 60,00 para CR\$ 120,00. Mas o interesse por nudez e sexo explícito terminou por prejudicar a consciência crítica do espectador, fazendo-o se interessar tanto por "O Último Tango em Paris" como por "A Noite das Taras", que, exibido no Rex, no começo dos anos 80, bateu o recorde de bilheteria, superando até filmes dos Trapalhões, que eram os de maiores bilheterias na época. Os cinemas, como o Nordeste, em Natal, também começaram a apimentar a dose com o sexo ao vivo, quando atores e atrizes de verdade representavam no palco do cinema supostas peças de teatro com cenas de atos sexuais.

Reagindo ao desvirtuamento das finalidades culturais da Sétima Arte, grupos de interessados no bom cinema, oficiais ou não, criaram em Natal circuitos paralelos, mostrando filmes de excelente qualidade em diversos locais da capital, já que os cinemas comerciais só se interessavam em mostrar o que, segundo seus gerentes, dava dinheiro: pornofilmes. Desde 1981, o SESC em Natal, acompanhando um programa educativo do SESC em todo o Brasil, desenvolveu um trabalho de mostrar bons filmes em 16mm. A Aliança Francesa promoveu em 1982, na Fundação José Augusto, a semana do cinema francês. Em 1983, o Cine-Clube Tirol começou suas novas atividades, criando exposições de filmes de boa qualidade estética e temática no Centro de Turismo. Também, em 1983, o Cine-Clube Tirol, em promoção conjunta com a Fundação José Augusto e Embaixada do Canadá no Brasil, realizou o Festival McLaren, somente com os geniais desenhos de animação de Norman McLaren. A criação do Festival de Cinema de Natal, FestNatal, em 1987, foi outra boa alternativa aos desvios pornocomerciais que vinham predominando nos cinemas natalenses.



ANOS 90: REVENDO O SÉCULO CINEMATOGRAFICO

Nos anos 90, os que pensam sobre/ e gostam de cinema em Natal, viram a oportunidade de rever nostálgica ou criticamente, o século cinematográfico que fora vivido. Mantendo crítica cinematográfica no jornal "Tribuna do Norte", o jornalista Valério Andrade teve idéia de realizar enquetes onde, de cada vez, críticos e cinéfilos natalenses escolhessem os melhores filmes em cada gênero. Começou a 10/07/94, quando escolheu-se os melhores westerns de todos os tempos (1º lugar: "Os Brutos Também Amam", de George Stevens); a 11/09/94, escolheu-se os melhores musicais (1º lugar: "Cantando na Chuva", de Stanley Donen & Gene Kelly); a 08/10/94, os melhores filmes de terror (1º lugar: "Psicose", de Alfred Hitchcock); a 30/10/94, os melhores filmes de ficção científica (1º lugar: "2001: Uma Odisséia no Espaço", de Stanley Kubrick); a 20/11/94, os melhores filmes de gangster (1º lugar: "O Poderoso Chefão", de Francis Ford Coppola); a 04/12/94,

as melhores comédias americanas (1º lugar: "Tempos Modernos", de Charles Chaplin); a 08/01/95, as melhores comédias produzidas fora dos Estados Unidos (1º lugar: "A

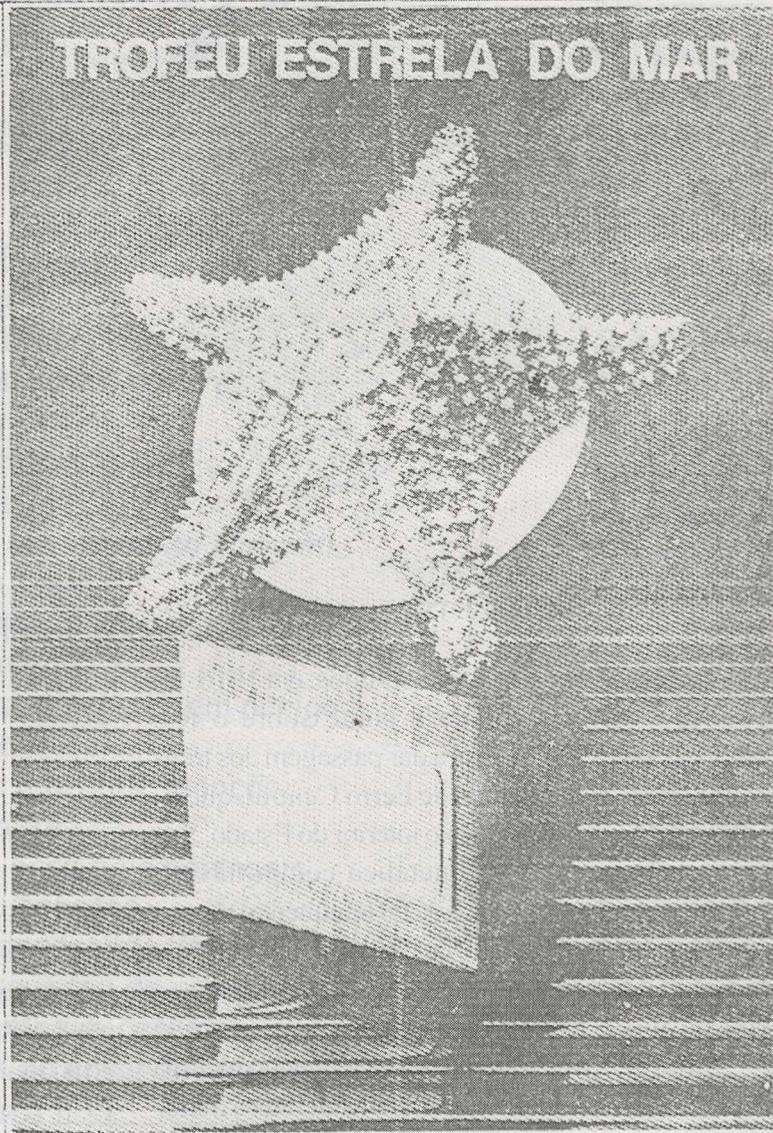
ção Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita", de Elio Petri).

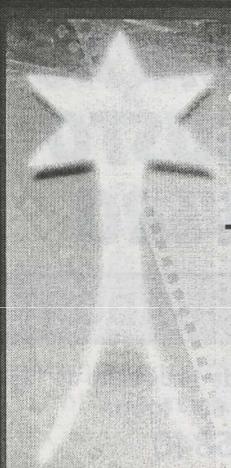
De 20 a 24 de novembro de 1995, foi promovido na Cinemateca Aldo Medeiros, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o evento "Entre Estrelas - Cem Anos de Cinema", com palestras, debates e a exibição de filmes clássicos da História do Cinema Internacional e Nacional. A 27 de novembro de 1995, o jornal natalense "O Jornal de Natal" publicou um suplemento também comemorando os 100 anos do cinema. Em 1997, F. César Barbosa lançou em Natal o fanzine "Apache Express", dedicado a cultivar a memória do ator Jonh Wayne. De 17 a 29 de dezembro de 2000, a programação de cinema no SESC mostrou aos comerciários e público em

marcord", de Federico Fellini); a 15/01/95, os melhores filmes de guerra (1º lugar: "A Grande Ilusão", de Jean Renoir); e a 05/02/95, os melhores filmes policiais (1º lugar: "Investiga-

geral de Natal 12 filmes clássicos brasileiros da velha empresa Vera Cruz.

Anchieta Fernandes





FestNatal 2001

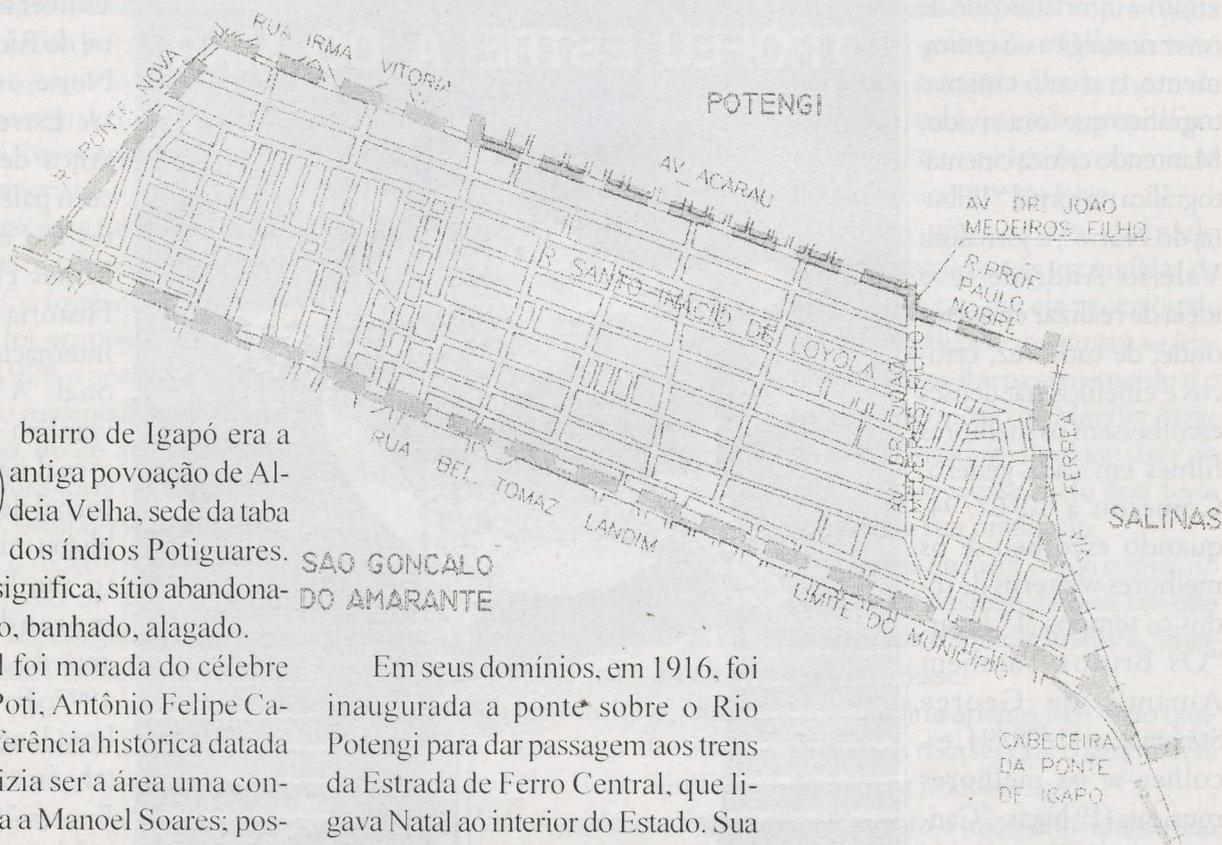
XII Festival de Cinema e Vídeo de Natal
16 A 24 DE NOVEMBRO NO CINE NATAL SHOPPING 2

APOIO CULTURAL



Igapó

NOSSA SENHORA
DA APRESENTAÇÃO



O bairro de Igapó era a antiga povoação de Aldeia Velha, sede da taba dos índios Potiguares.

Seu nome significa, sítio abandonado, pântano, banhado, alagado.

O local foi morada do célebre guerreiro Poti, Antônio Felipe Camarão. Referência histórica datada de 1600, dizia ser a área uma concessão dada a Manoel Soares; possuía 80 braças de longo, por uma légua de comprimento. “defronte de uma tapera que foi de Felipe Camarão”. Em História do Brasil de 1500/1627, o Frei Vicente de Salvador relata que Manoel Mascarenhas Homem tendo terminado o Forte dos Reis Magos e entregue a Jerônimo de Albuquerque no dia de São João Batista, em 1598, veio no mesmo dia dormir na aldeia do Camarão, onde estava Feliciano Coelho.

SAO GONCALO
DO AMARANTE

Em seus domínios, em 1916, foi inaugurada a ponte sobre o Rio Potengi para dar passagem aos trens da Estrada de Ferro Central, que ligava Natal ao interior do Estado. Sua estrutura metálica comportava 9 (nove) vãos de 50 (cinquenta) metros e um vão de 70 (setenta) metros, montados sobre colunas sólidas e resistentes. Media a extensão total de 550 (quinhentos e cinquenta) metros, sendo na época considerada a maior ponte do Nordeste. Durante muito tempo permaneceu como único meio de ligação entre a Capital e os municípios do Norte do Estado. A construção de uma nova ponte se deu no governo do Monsenhor Walfredo

Gurgel (1966-1970), e a sua duplicação no governo de Geraldo Melo (1986-1990).

Até a década de 80, Igapó era um distrito de Natal, tendo pertencido ao município de São Gonçalo até 1938. A sua oficialização como bairro se deu quando da definição de seus limites pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foi fundado no dia 29 de Março de 1902, numa reunião no salão da Biblioteca estadual, que funcionava no prédio do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Às 12 horas em ponto, em sessão solene presidida pelo Desembargador Vicente de Lemos, foi lavrada a ata de criação do Instituto, que teve como membros os seguintes sócios fundadores:

- | | |
|---|---|
| - Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão | - Luis Manuel Fernandes Sobrinho |
| - Olimpio Manuel dos Santos Vital | - Manoel Dantas |
| - Francisco de Sales Meira e Sá | - Tomás Landim |
| - Vicente Simões Pereira de Lemos | - Cel. Pedro Soares de Araújo |
| - Francisco Carlos Pinheiro da Câmara | - Cel. Joaquim Manuel Teixeira de Moura |
| - Francisco Pinto de Abreu | - Veríssimo de Toledo |



FUNDAÇÃO AUGUSTO SEVERO

“U.T.I. DOS NECESSITADOS”

Utilidade Publica estadual Lei Nº 6.657 de 14 de julho de 1994
Av. João Medeiros Filho, 60 - Igapó
Fone: (84) 214-5840



A VELHA PONTE DE IGAPÓ

Na velha ponte de Igapó,
Bonita, de ferro, estreita, escura,
Tantas vezes passei,
Menino pequeno com medo do rio.
Com o temor de cair
Nas águas revoltas que embaixo corriam,
Vendo os trilhos do trem,
Ficava intranquilo, que alívio ao sair
Mas o carro esperava
O aceno de alguém pra seguir sem perigo.
Bandeirolas se abriam,
Ir a zona norte era a grande emoção.
Ver da Redinha o forte,
Guardando na volta essa bela paisagem,
Aqui dentro do meu coração.
Relembro o tempo dessa vida calma,
Quando a cidade esqueceu de crescer
Bela de ver parecendo um retrato,
As formas da ponte ao entardecer.

CANTO DO MANGUE

No canto do porto,
O encanto do rio.
No espaço vazio,
O refúgio do mar,
Empana-se a vela.
No barco, o dono,
Refeito do sono,
Está indo pescar.

Mercado do Peixe,
Guaiuba, Sioba
Inteira, em posta,
Para se escolher.
Encontros furtivos
Nas casas vizinhas.
O sol a tardinha
Vai desaparecer

Olhares, sorrisos,
No canto da praça.
O tempo não passa
E o jeito é viver
No canto do mangue,
Olhando a paisagem,
Sentado na margem
Do rio a correr.

Nelson Freire

Rio, 20 de outubro de 2001

Estimado Nelson:

Aproveitei este último fim-de-semana, no meu refúgio de Teresópolis, para ler o seu "Som das palavras", que teve a gentileza de enviar-me através do Heraldo.

Nem sei o que nele mais admirei: se a profunda inspiração dos seus poemas; se a excelente construção de sua métrica; se o compasso dos seus poemas, bem adequado às composições musicais, muito ao estilo de Vinicius e Drummond.

Gostei particularmente da onomatopéica engenharia do "Freud explica"; da rima perfeita de "O pé de Alan" e de "Paixão doentia"; da carinhosa homenagem ao nosso idioma contida no "Língua"; do admirável amor da "Canção para Soraya"; das nossas comuns lembranças do "Menino do Tirol"; do maniqueísmo e da dicotomia de "Xarias e Canguleiros"; da elegia natalense de "Minha ci-

dade", "Canção para Natal" e de "Natal de quatrocentos anos"; da sentida evocação de "Mãe Luiza", da "Ladeira do Sol", da "Ribeira", de "Ponta Negra", de "Parnamirim Field", de "O Sertão do Seridó", de "Canto do Mangue", de "Morro do Careca" e de "Paisagem do Trairi".

Fico muito feliz ao ver um líder político de sua categoria, engolfado nos problemas diários de sua vocação, voltado para a poesia e para os sentimentos mais sublimes de uma criatura humana.

Parabéns, meu querido Nelson. Que você continue a brindar-nos com criações literárias de tanto nível, são os votos deste seu conterrâneo e amigo de sempre, hoje já um tanto ou quanto "imortal", mas ainda não "imorrível", que, mesmo à distância, muito o admira, estima, respeita e lhe quer um bem enorme

Murilo Melo Filho

Lembrando José Mauro de Vasconcelos

Ovelho e muito estimado amigo José Mauro de Vasconcelos, o Zé Mauro, foi sempre extremamente simples e de coração ameno, nunca se preocupando com as conquistas obtidas ao longo de sua vida com as seguidas publicações de seus livros que o tornaram um dos homens mais lidos em sua época, não só no Brasil, como em todo o mundo.

Certa vez, em São Paulo, convidou-me para acompanhá-lo a uma visita que faria a um orfanato de crianças desamparadas, que desejavam conhecer de perto o seu ídolo. Acompanhei-o, e foi qualquer coisa que ainda não tivera oportunidade de ver.

Num grande salão, porém de péssimas acomodações, vi de perto a alegria estampada no rosto daquele homem realizado na literatura, com fama mundial e, realmente, um ídolo para a juventude, conviver por mais de uma hora com quase 100 pequeninos órfãos, ávidos por abraçar, pegar na mão, sentir de perto Zé Mauro. Foi às lágrimas, dizia-me depois, “por lembrar do menino pobre de Bangu que fora”. O interessante é que algumas freiras também choravam, entre comovidas e de alegria em sentirem a felicidade de seus jovens ali internados. Zé Mauro deixou para os garotos, livros, fotos autografadas, caixas de biscoitos, confeitos e a ternura do coração de um homem simples e sensível.

Foi uma cena rara e comovente que presenciei, pois ali estava o escritor consagrado mundialmente, ingênuo, sem paletó e gravata, como era de seu costume, porém, com o coração cheio de alegria e amor.



Viajei certa vez a Buenos Aires, na Argentina, acompanhado de minha esposa Zilda, onde estive por apenas cinco dias. Poucos metros do hotel em que me hospedara, com surpresa, divisei a livraria e editora “El Ateneo”, e logo resolvi visitar os dirigentes daquela tradicional editora que havia lançado o livro “Meu Pé de Laranja Lima”, o “best-seller” de Zé Mauro, à época na sua 12ª edição na capital Argentina.

Quando identificado que era amigo de José Mauro de Vasconcelos e com quem convivera no período de nossa juventude, fui convidado para ir à presença do gabinete do Diretor que recebia, no momento, outros dirigentes e tivemos a imensa alegria de ouvir palavras elogiosas a respeito do amigo querido. Entre outros informes fiquei sabendo que das 12 edições do “Meu Pé de Laranja Lima” editadas pela “El Ateneo”, a partir da 8ª, que teria sido de 20 mil exemplares, cada edição, passaram a 100 mil exemplares. Para eles, foi um fenômeno. Nos dias de cada lançamento, as filas já se faziam sentir a partir de cada madrugada para aquisição do livro e, o mais importante, Zé

Mauro autografava até meia-noite, cansado, apenas parando para lanches, sucos e sempre com a mesma disposição e simplicidade. Raramente aceitava dar entrevistas, coisa que não era de seu agrado.

Vários de seus livros são misturas de aldeias indígenas, os seus ritos sagrados, suas crenças e seus costumes. Ele dizia ser descendente dos Pinagés e marcado, a ferro no braço, como membro da tribo Maués. Seus livros, em suas páginas de fogo e em palavras moderadas, se desenrolam em ambientes com os Xavantes, Maués, Caiapós, Tupinambás, Carajás e de outras nações indígenas, que Zé Mauro visitava anualmente e onde era bem recebido, dominando alguns dos seus dialetos.

A selva de mil perigos, de mil garras cruéis; a selva que protege o Araguaia, o Xingú, Rio das Mortes, Tocantins e seus mistérios, os seus encantos; a selva que acalenta as feras e alimentam os índios, seus velhos amigos, cujo sangue carregava nas veias e ele, que era também um homem solitário.

Com os sertanistas, os irmãos Vilas Boas, por muitos anos, desceu rios, atalhos, furos e camboas em plena região Amazônica, conhecendo o ambiente hostil e lutando pelos indígenas ao lado daqueles notáveis sertanistas.

Seus trabalhos se caracterizavam pela ternura e simplicidade e, embora não me considerando um intelectual, julgo que o seu livro “Rosinha, Minha Canoa”, foi uma de suas melhores obras, pelos monólogos constantes com sua canoa “Rosinha”, pelos rios do Araguaia bravio, hostil, mas ameno e sedutor para José Mauro.

Nas visitas diárias que me fazia, quando anualmente também visitava Natal, Zé Mauro, mantinha conversações intermináveis com a minha tia Dulce Meira e Sá de Figueiredo, que viajara com o marido, o médico Aderbal de Figueiredo, na década/30 por quase toda a Europa; uma mulher culta, religiosa convicta, caridosa e que possuía excelente biblioteca de autores famosos e músicas clássicas. Trocavam idéias e esclarecimentos a respeito do que viram, em períodos distantes e diferentes, sobre religião, arte, visitas seguidas que fizeram a museus, bibliotecas, cultura dos povos e religião, onde os dois demonstravam conhecimentos profundos, inclusive sobre São Francisco de Assis, que Zé Mauro tanto admirava.

Era uma conversação que me prendia, pois ali estavam duas pessoas cultas, amigas e simples a debater assuntos da maior importância.

Homem simples e solitário, Zé Mauro, quando em Natal, mantinha contactos permanentes com seus amigos mais íntimos – a tia Marta Barreto, a irmã Raimunda, o cunhado João Figueiredo e a sua sobrinha Auxiliadora, Luiz da Câmara Cascudo, Tarcísio da Natividade Medeiros, Liberato de Azevedo Maia e seu irmão Chicão, o pai Pedro Azevedo, Augusto Severo Neto, Veríssimo de Melo, Nazareno Moreira de Aguiar, Berilo Wanderley, Júlio Carvalho de Paiva, Milton Rodrigues, Geraldo Barreto, Luciano Bahia, Jofre Ariston, meus irmãos e seus colegas de turma no Marista, Manoel Augusto e Francisco de Sales Meira e Sá e José Augusto Bezerra de Medeiros Sobrinho, Rômulo Wanderley, Cleantho Homem de Siqueira, Aluizio Menezes de Melo, Israel de Oli-

veira, Genar Wanderley, dentre outros.

Quando em Natal, fazia refeições quase que diariamente em nossa residência; na casa de sua tia Marta; na casa de sua irmã Raimunda; na “Peixada da Cumadre”, nas Rocas, para apreciar o lindo pôr do sol, e na “Carne Assada do Marinho”, também nas Rocas. Instituiu uma medalha para disputas de sinuca, no velho Clube Carneirinho de Ouro, ficando de posse temporária do prêmio aquele que tivesse obtido maiores número de vitória na temporada, sendo que na última vez que aqui esteve foi Zé Mauro o campeão, tendo ficado de posse da referida medalha, cujo troféu não voltamos a disputar...

Foi, José Mauro, um homem que no seu jeito de viver, retraído, inocente, porém amigo de seus amigos, soube dar sua contribuição ao desenvolvimento do cinema, televisão e teatro nacional, trazendo danças, músicas indígenas para os teatros de São Paulo; ilustrando seus livros com interessantes desenhos, quase todos de sua autoria, e batendo recordes de vendas de seus livros no país e no exterior, num período em que apenas dois escritores brasileiros viviam à custa de seus trabalhos, o grande escritor Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos.

Este é um pequeno relato do que observei, por mais de 50 anos de amizade sincera, constante e desinteressada que mantive com o amigo dileto e sempre saudoso Zé Mauro.

José Mauro, na nossa visão, foi um excelente estudante e na sua juventude, revelou-se um amigo incondicional de seus colegas do dia-a-dia. Como vizinho que fomos na avenida Junqueira Aires(438,436), por muitos anos, nos finais de sema-

na não perdíamos os filmes do Cine-Royal - Buck Jones, Tim Mc Coy, Ramon Novarro, Lon Chaney, Douglas Fairbank, John Wayne, Janet Gaynor e Charles Farrel, Chaplin, como não perdíamos as sessões do Cine Teatro Carlos Gomes, quando, principalmente, muitos dos nossos colegas e amigos se apresentavam na ribalta – Aldo e Danilo Parizott, Carlos e Túlio Tavares, Glorinha Sigaud, Oriano de Almeida, Alberto Moura, dentre outros. Às quartas-feiras e sábados, quando no Colégio Marista, onde estudávamos, não havia aulas no período da tarde, o seu tio e padrinho, o conceituado médico Ricardo Barreto, enchia-lhe o tempo, com as aulas particulares de inglês, francês e piano. Ao longo do tempo soube tirar proveito, com sua vida trepidante, para temas de seus livros – como garimpeiro, amigo dos indígenas, homem propaganda, poliglota, modelo na Escola de Belas Artes (RJ), operário nas fábricas de Bangu (RJ), “sparring” de box nas academias (RJ), nadador do Rio Potengi, (atleta do velho Sport Club de Natal, com José Guará, Chico de Assis, Irapuã Bezerra), bem como da Baía da Guanabara, cantor, andarilho, pianista, pau de arara, ator de cinema, marinheiro mercante, repórter, viajando o mundo todo, artista plástico, introspectivo e solitário, sertanista, escritor e fala mansa.

Seus 21 livros foram publicados no Brasil, constituindo-se, na época, um fenômeno literário, com sucesso invejável e quase todos premiados – Banana Brava (1942), Barro Blanco (1945), Longe da Terra (1949), Vazante (1951), Arara Vermelha (1953), Arraia de Fogo (1955), Rosinha, Minha Canoa (1962), Doidão (1963), O

Garanhão das Praias (1964) Coração de Vidro (1964), As Confissões do Frei Abóbora (1966), Meu Pé de Laranja Lima (1968), O Palácio Japônês (1969), Rua Descalça (1969), O Veleiro de Cristal (1973), O Menino Invisível (1973), Vamos Aquecer o Sol (1974), Farinha Órfã (1970), A Ceia (1975) Chuva Crioula (1972) e, finalmente, Kuryala, Capitão e Carajá (1979), seu último livro, produções que receberam o aplauso de Luiz da Câmara Cascudo, Menotti Del Pichia, Antônio Olinto, Rejane Machado, Herculano Pires, Jorge Amado, Hildon Rocha, Haydée M. Jofre Barreto, Vivaldo Coaracy, Leonardo Arroyo, dentre outros, e as mais expressivas figuras da intelectualidade do país, além de quase toda a crônica especializada do Brasil e do exterior.

Produziu ainda José Mauro – “Homens sem Deuses e sem Gravata”, a historia real dos operários das fábricas de Bangu, onde trabalhou, cujos originais lhe foram roubados. Dizia ele, que esta seria a melhor obra que havia produzido. Muitos dos seus livros foram traduzidos e editados em vários países, sucessivamente, em milhares de exemplares – Argentina, Alemanha, Áustria, França, Holanda, Hungria, EUA, In-

laterra, Itália, Israel, Noruega, Suécia, Suíça, Turquia e Polônia. Em alguns destes países foram seus livros levados à TV e cinema.

No cinema, não foi menor o êxito de José Mauro, com alguns dos seus melhores filmes quando foi premiado como ator coadjuvante; prêmio Governo do Estado de São Paulo; melhor prêmio da Prefeitura Municipal de São Paulo; ator do ano laureado com Sacy – Carteira Modelo 19, com Norma Benguel; Fronteiras do Inferno; Floradas da Serra; Garganta do Diabo, sobre a Guerra do Paraguai e a guerreira Juvita Feitosa; Canto do Mar, quando escreveu o roteiro do filme do grande cineasta brasileiro radicado na Itália, Alberto Cavalcanti; A Ilha; Vazante; Arara Vermelha e Mulheres e Milhões, com Tônia Carrero.

Na TV, foi sucesso nacional e no exterior, com o seu maior “best-seller” – O Meu Pé de Laranja Lima e ainda Barro Blanco.

José Mauro de Vasconcelos era filho de pais pobres – Paulo de Vasconcelos, vigia, e Estefânia de Vasconcelos, lavadeira, nasceu em 26/02/1920, em Bangu (RJ) e faleceu a 24/07/1984, em São Paulo, aos 64 anos de idade, 5 meses e dois dias. Se vivo estivesse estaria agora completando 81 anos de

idade. Logo cedo passou a residir em Natal, com o boníssimo casal Marta (sua tia) e o conceituado médico Ricardo Paes Barreto, de tradicional família potiguar.

Tentando tornar o José Mauro de Vasconcelos sempre lembrado por seus amigos, conseguimos tivesse seu nome como Patrono de uma artéria de Natal, localizada no bairro de Capim Macio, uma bela e longa rua, paralela da avenida engenheiro Roberto Freire (Déc. N° 3.132/85, publicado no Diário Oficial, de 10/07/85).

Enfim, hoje me pergunto intrigado: e afinal porque Zé Mauro tem sido tão esquecido por aqueles que promovem exposições e feiras internacionais de livros; por aqueles outros críticos, conferencistas, professores, jornalistas, intelectuais de nosso país, ou mesmo pelos escritores do Rio Grande do Norte, onde José Mauro de Vasconcelos deixou uma legião de amigos e deu uma significativa parcela de colaboração às letras.

O que é certo, é que perdemos também o amigo leal, o romancista singular, restando-nos agora olhar com saudades, aquelas duas casas da Av. Junqueira Aires, onde vivemos os nossos melhores anos de nossa juventude.

Luiz G. M. Bezerra



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natep)

Carlos Lima: meu editor e meu amigo

(Morre duas vezes, aquele que não é lembrado – dito popular)

Já havia lançado há quase dois anos o meu primeiro livro sobre cangaço e tinha na gaveta os originais de uma pesquisa de campo e bibliográfica sobre os nossos santos nordestinos – Antônio Conselheiro, Padre Ibiapina, Padre Cícero, beato José Lourenço e Frei Damião, cujo título era – PROFETAS DO NORDESTE. Com este segundo projeto debaixo do braço tinha batido em algumas portas... E só promessas... Só restava ir na livraria e editora Clima lá do bairro da Ribeira velha de guerra. Era naquele bairro que ficava o meu local de trabalho e das minhas idas a referida livraria já conhecia João Alfrêdo e Salete, irmãos de Carlos. E foi naquele local da cultura ribeirense que conheci vários intelectuais, muitos dos quais, autores consagrados e editados pela Clima. Quanto ao editor Carlos, eu já o havia visto inúmeras vezes, principalmente nos resistentes e tradicionais - Carneirinho de Ouro e Nova Delícia.

De vez em quando o filme volta na minha memória da gratidão: - Um certo dia resolvo botar debaixo do braço os originais do meu “Profetas” e ir em busca do socorro editorial de Carlos Lima. Meio pessimista durante o trajeto, ia repetindo em voz baixa: - Será que é mais uma promessa daquelas – “Volte aqui há quinze dias?”. Mesmo sem nenhuma tradição familiar no campo das letras e sem dinheiro algum para dar a então contrapartida do autor a famosa editora, fui lá assim mesmo. Logo na parte da entrada da livraria, dou de cara com o escritor João Alfrêdo, que após ouvir-me explicar o objetivo de minha visita, aconselhou-me: - “Suba, vá falar com Carlos que ele é muito compreensivo e já ajudou a muita gen-

te. Aproveite que o mesmo está sozinho no escritório”. Novamente, a lembrança das ditas e desgraçadas promessas vieram-me à cabeça na subida dos degraus até a sala do editor. Chegando lá deparei-me com um homem sentado em seu birô com o seu cigarro aceso e conferindo muitos papéis. Parou o seu serviço importante e deu-me atenção, ouvindo-me atentamente cada detalhe de minha longa história. Perguntou-me sobre quem teria financiado as minhas viagens a Juazeiro do Norte(CE), Canudos(BA) entre outras cidades do



Nordeste, em busca de pesquisa para o livro em questão? Espantou-se ao ouvir que tudo tinha sido feito por iniciativa própria e meus custos.

Carlos, depois de acender outro cigarro, só fez mais um curto comentário: - “Gutenberg, você é um obstinado! Fique certo que eu vou publicar o seu livro”. Desci as escadas aos pulos feito menino com os bolsos cheios de chocolate. Em pouco tempo, acontecia a noite de autógrafos numa inesquecível festa noturna do Solar Bela Vista.

Depois do lançamento de Natal, coloquei poucas roupas e muitos livros numa velha mala emprestada e sai para lança-lo ao mundo. Os amigos e instituições me aguardavam com expectati-

va para hospedar-me, juntamente com os “Profetas do Nordeste”. E desse modo peregrino, fui à Juazeiro do Norte, Crato, Fortaleza, Salvador, João Pessoa, Terezina, Recife, Canudos e Mossoró. Coisa de doido, mas que deu-me certa divulgação de meu trabalho até hoje. Diz o povo em seus adágios: - Cobra que não anda, não engole sapo!.

Quanto ao meu saudoso e segundo editor Carlos Lima, eu teria muito o que contar de nossa curta e boa amizade, principalmente depois de ter sido publicado por sua editora e consequentemente obtido ainda mais a sua confiança e de seus familiares.

A gratidão, como tão bem poetizou o Lupicínio Rodrigues, me foi a herança maior deixada por meus saudosos pais – “seu” Geraldo e dona Estela. Que fique bem claro, que este curto texto de maneira nenhuma representa o meu eterno agradecimento ao meu sempre lembrado editor Carlos Lima! Merece muito mais, de minha parte, dos outros autores da editora Clima e por que não dizer: - Do povo de Natal!

Novamente recorro ao povo, em seus ditos, para tentar deixar aqui um “muito obrigado nordestino” ao amigo e editor Carlos Lima, estendido a sua família: - “Pelos Santos, se beijem os altares!”

E quanto a minha gratidão e o meu agradecimento ao Carlos Lima, nesta hora recorro aos cegos da feira do meu bairro do Alecrim: - “Agradeço seu moço de todo o meu coração/ Que lá no reino da gulora, Deus te dê muita compensação!”.

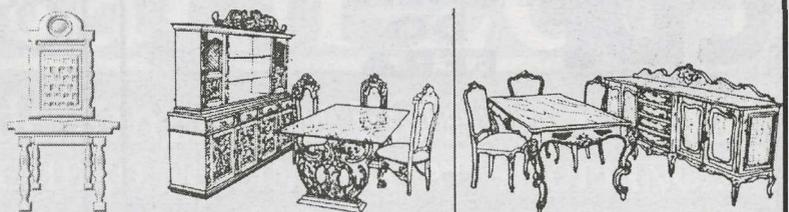
Gutenberg Costa

M
Ó
V
E
S

A
N
T
I
G
O
S

R
I
B
E
I
R
A

MÓVEIS ANTIGOS RIBEIRA



Rua Dr. Barata, 211 - Ribeira - Natal - RN

Fone: (84) 222-9237 Fax: 222-1500

Alfredo Mesquita, maçom

Na multiplicidade das atividades de homem público e agro-pecuarista desenvolvidas por Alfredo Mesquita Filho ao longo de sua vida, desponta de maçom da Loja Filhos da Fé em Natal. No ensejo do transcurso do seu centenário torna-se necessário enfatizar esse perfil desconhecido por muitos talvez até pelas próprias Lojas Co-irmãs. O seu ingresso na Loja foi proposto em 06 de agosto de 1926 e aceito em 12 de setembro do mesmo ano, com idade, portanto, de 26 anos. Iniciado no mesmo mês tornou-se aprendiz em outubro, companheiro em janeiro de 1927 e mestre em fevereiro. Em 04 de maio de 1927 evoluiu para o grau 18, chegando a grau 30 (Cavaleiro de Cadoche) em 21 de março de 1939.

Nos anos vinte e trinta conviveram com Alfredo Mesquita na loja 21 de Março os seguintes macaibenses ilustres: Luiz Curcio Marinho, comerciante e posteriormente Prefeito de Macaíba; Torquato Justino de Souza, comerciante; Olímpio José Maciel, empresário e comerciante, figura respeitável e querida da cidade; Almir Freire, ex-Prefeito de Macaíba e filho do líder político Manoel Mauricio Freire; José Jorge Maciel, filho de Olímpio, médico e futuro Prefeito de Macaíba nos anos cinqüenta. Posteriormente, outros destacados macaibenses



passaram igualmente pela Loja 21 de Março; José Pinto Freire, Astecledes Xavier Marinho, João Leiros Filho, Jose Lira da Silva, Cornélio Leite Filho, João Santiago de Oliveira, Pedro Cavalcante Sobrinho e Salustiano Cacho Neto.

Segundo Apolônio Lima, que conviveu longo tempo com o meu pai, no seu depoimento "Recordação de Um Grande Amigo" para o meu livro "Macaíba de Seu Mesquita - 1981" (Editora Clima) se referiu ao amigo como maçom realçando-o através da seguinte citação:

"Era maçom, grau 30º da Loja "21 de Março".

Ninguém, amigos ou adversários políticos procurou-o na hora da

necessidade, sem que, na medida do possível, fossem satisfeitas as suas pretensões, sem cobrar nada pelo favor prestado. "O verdadeiro benfeitor é aquele que na hora da desgraça, vem, ajuda e passa". Este episódio, eu me lembro como se houvesse acontecido hoje.

Havia um homem chamado Jesuíno que falava às escondidas de Mesquita e um dia ele precisou de um grande favor do mesmo e se acanhou de falar-lhe pessoalmente e o fez por intermédio de Manoel Alves da Costa. Mesquita mandou dizer ao mesmo que viesse a ele que seria satisfeita a sua pretensão.

Depois de fazer o que o mesmo pediu, este desmanchou-se em oferecimentos e agradecimentos. Mesquita lhe disse:

- "Pediria apenas isso. Não quero nada, a não ser que o senhor fale de mim se houver razão".

Esse era o traço principal de sua personalidade: a caridade. E ele, ao lado de outros maçons, socorreram muitos lares pobres colocando, anonimamente, envelopes por baixo das portas, quando sabiam que uma família passava privações. Gesto raro. Difícil hoje em dia. O lado maçônico que não podia ficar oculto, revela-se hoje porque ele também predominou em todas as outras atividades que exerceu.

Valério Mesquita

CDT COLÉGIO E CURSO
CASA DO FERA
 Quem aprende não esquece

Av. Deodoro, 907 - Centro - Natal/RN
 Av. Prudente de Moraes, 2124 - Tirol - Natal/RN
 Fones: 211-6607 / 222-7097

Valério Mesquita

Deputado Estadual, Advogado, Escritor e
 Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras

A Salamantra-Boi



ILUSTRAÇÃO: VIEIRA



erta vez, Pitoco perguntou à Zuca:

- Pai, cobra tem espinho?

- Se cobra tem espinho? Triste do cristão, de um animal bruto que pisar num espinho de cobra!... A solução para uma cobra que morre, é botar num formigueiro e acabou-se.

Lembra daquela Salamantra que o Pai Santo matou lá no arisco? Pois muito bem, fui eu mesmo quem a jogou naquele formigueiro velho lá perto da mata. Era uma bichona! Dezenove palmos de tamanho... estava lá perto do roçado do Capocirão. O Véio Santo me contou que vinha retornando para casa em seu cavalinho,

quando avistou aquele lombo liso no meio do mato e que refletia com a luz do sol. Foi aí que deu fé da mofina. Amarrrou de pressa a montaria num pé de *canafista* que tinha perto assim, e foi em casa pegar um porrete que usava mais das vezes para trazer uma vaca parida lá de dentro do mato. Ele que morou no sertão, já era acostumado a lidar com serpente feroz.

Sabia muito bem de como surpreendê-la: era usar um porrete de pau curtinho e tomar a frente dela, pois a cobra, pode ser do tamanho que for, não se bate nela do meio para trás que ela pega. É tomar a frente que a serpente pode inté abrir a boca, mas não pula nem

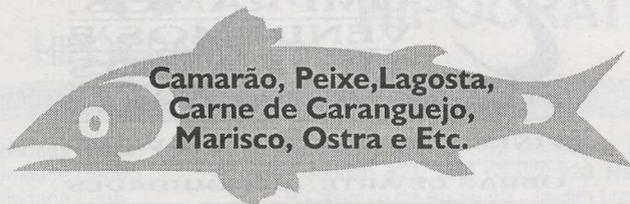
um palmo. Agora, para trás, ou de um lado para o outro, ela morde demais... Pois bem, o véio cercou a bicha, fincou-lhe o porrete que a derrubou, quebrando as suas forças. Estava morta a Salamantra-Boi! Restava a medição. Benedito, que vinha do roçado, quando viu aquele reboiço feio do véio lutando com a cobra, encostou:

- Seu Santo, me dê a cobra, essa fera aí, que eu vou pro sítio tirar o couro dela para vender. O Pai Santo não consentiu.

- Ela vai ficar por aqui mesmo! Vou pedir para Zuca botar essa mofina num formigueiro véio e acabou-se!...

Newton Lins Bahia

CASA DO PEIXE LTDA

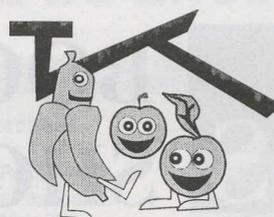


Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.

Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84)206-5612

Euclides e o jornalismo

Ao contrário de outros grandes escritores que partiram da literatura para o jornalismo, Euclides da Cunha partiu do jornalismo para a literatura. Como se sabe, *Os Sertões* resultou da série de 22 artigos enviados por ele, - então correspondente de guerra d'*O Estado de S. Paulo*, da frente de combate, em Canudos, para o jornal de Júlio Mesquita. Artigos depois reunidos em livro, publicado postumamente (*Canudos - Diário de uma Expedição*, 1ª ed., 1939, organizada por Antônio Simões dos Reis. Editora José Olympio. Rio de Janeiro).

Contrastes e Confrontos, o segundo livro de Euclides, é também resultado de suas atividades na imprensa. De fato, de parte o discurso de recepção, pronunciado na Academia Brasileira de Letras, e do Prefácio do crítico português, José Pereira de Sampaio (Bruno), o livro consta de um conjunto de

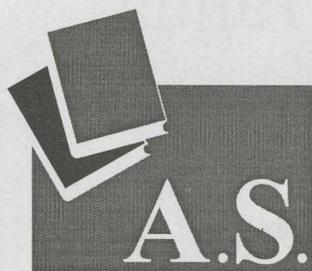


artigos assinados pelo historiador de Canudos em jornais do Rio de Janeiro e S. Paulo, nos quais colaborou durante toda a vida (*Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *O Estado de S. Paulo*, etc.).

Essas ligações com a Imprensa começaram bem cedo. Quando o sociólogo fluminense ainda era estudante. Realmente, seu primeiro trabalho intelectual dado à estampa, saiu em 1884, no jornal *O Democrata*, órgão dos alunos do Colégio Aquino, no Rio de

Janeiro, onde Euclides estudava. A crônica tem o título de "Em viagem". O autor estava com 18 anos de idade. Seu derradeiro escrito foi, ainda, um artigo, que deixou incompleto sobre a mesa de trabalho, em casa, nos dias que antecederam ao seu assassinato (agosto de 1909). O inédito, intitulado "Um Atlas do Brasil", foi publicado logo depois pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, no mesmo ano. Trata-se de uma apreciação crítica, elogiosa, à obra do

geógrafo, Barão Homem de Mello. Entre os dois extremos cronológicos, registramos em sua bibliografia 75 trabalhos, publicados na *Revista da Família Acadêmica* (Rio de Janeiro), n^o *A Província de S. Paulo* (o atual *O Estado de S. Paulo*), no *Democracia*, na *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro), n^o *O Rio Pardo* (S. José do Rio Pardo, SP), no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*



**BOOK
SHOP**

Av. Salgado Filho, 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone: 206-9099



**COMPRAMOS,
VENDEMOS E
TROCAMOS**

LIVROS. E REVISTAS
VINIS. CD'S E FITAS DE VÍDEO
OBRAS DE ARTE. ANTIGUIDADES
EM GERAL. ENCADERNAÇÃO
E RECUPERAÇÃO DE LIVROS

Sebo da Praça

FRACA PADRE JOÃO MARIA, 71-A
CENTRO - NATAL/RN
FONE: 211-0462

(Rio de Janeiro), na revista *Kosmos* (Rio de Janeiro), no *Jornal do Commercio* (Manaus, AM) e no *Almanack Brasileiro Garnier* (Rio de Janeiro).

Na antiga A Província de S. Paulo, encontramos colaborações de Euclides a partir de dezembro de 1888, ou seja, ainda sob a monarquia. Ali se publicaram seus artigos intitulados “Questões sociais” e “Revolucionários”, e uma série de oito trabalhos, intitulados: “Atos e palavras”, saídos entre 10 e 24 de janeiro de 1889, além de outros, datados de antes do 15 de novembro. Já na República, ainda no “Estadão”, Euclides publicaria alguns artigos sob o pseudônimo de “José D’Avila”, e “D’Avila”, numa coluna intitulada: “Da Penumbra” (15, 17 e 19 de março de 1892). Do mesmo ano é uma série de comentários, sob o título “Dia a dia”, publicados desde 29 de março até 6 de julho, englobando 27 artigos. Todos em *O Estado de S. Paulo*.

No mesmo matutino saíram também dois dos mais importantes ensaios euclidianos, sobre a rebelião sertaneja liderada por Antônio Conselheiro: “A nossa Vendéia”, I e II; o primeiro a 14 de março, o segundo a 17 de julho de 1897. Es-

ses artigos teriam sido escritos a pedido do diretor do jornal, logo após o desastre da 3ª expedição regular enviada contra os canudenses, sob a chefia do coronel Moreira César, cuja morte, em Canudos (3 de março de 1897), comoveu e arrepiou a opinião pública nacional. Nesses dois ensaios, Euclides, ainda sob a impressão de uma contra-revolução monarquista, discute o problema à luz da geografia militar, da sociologia e da história, como o próprio título dos trabalhos deixa antever. Nenhum intelectual ou profissional ligado à redação do jornal, até então, tinha cogitado de ver o fenômeno pelo novo prisma. Da mesma forma, na imprensa, publicou-se a maior parte dos capítulos que compõem as obras *Peru versus Bolívia* e *À Margem da História*. Por exemplo, “Amazônia”, que faz parte do segundo, saiu no primeiro número da *Revista Americana*. Antes de reunidas em volume, várias páginas do primeiro saíram no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro (dias 9, 13, 19, 25 e 31 de julho; e 4 e 9 de agosto de 1907). O capítulo “Rio abandonado (o Purus)”, constan-

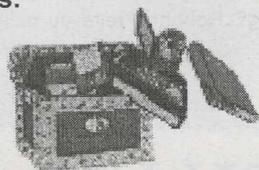
te do *À Margem da História*, inicialmente foi publicado no *Almanack Brasileiro Garnier*, sob o título: “Rios em abandono”.

Não obstante esse relacionamento estreitíssimo entre Euclides e as redações, especialmente com o diário paulistano, mais de um crítico tem-se negado a reconhecer no escritor as qualidades de jornalista, diminuindo-lhe a competência como repórter. A ensaísta, Doutora Walnice Nogueira Galvão, por exemplo, em sua tese clássica, *No Calor da Hora* (S. Paulo, Ática, 1974), estudando a presença da Campanha de Canudos na imprensa nacional, relaciona e comenta todos os grandes jornais e jornalistas brasileiros que mandaram seus repórteres para o sertão e os textos que lhes são devidos, na época. Nem uma só página para Euclides da Cunha, por ela desconsiderado como repórter ou jornalista. Como se as páginas do *Canudos — Diário de uma Expedição* não fossem a revelação de um repórter genial, a elevar o jornalismo à categoria de gênero literário, por mais que o não queiram alguns mestres respeitáveis.

Adelino Brandão

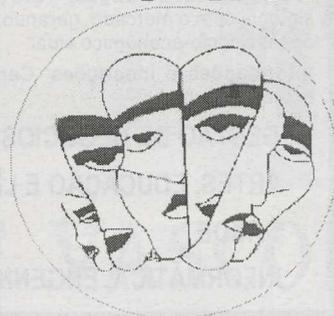
SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros,
discos, cd's, videos e cassetes
usados.



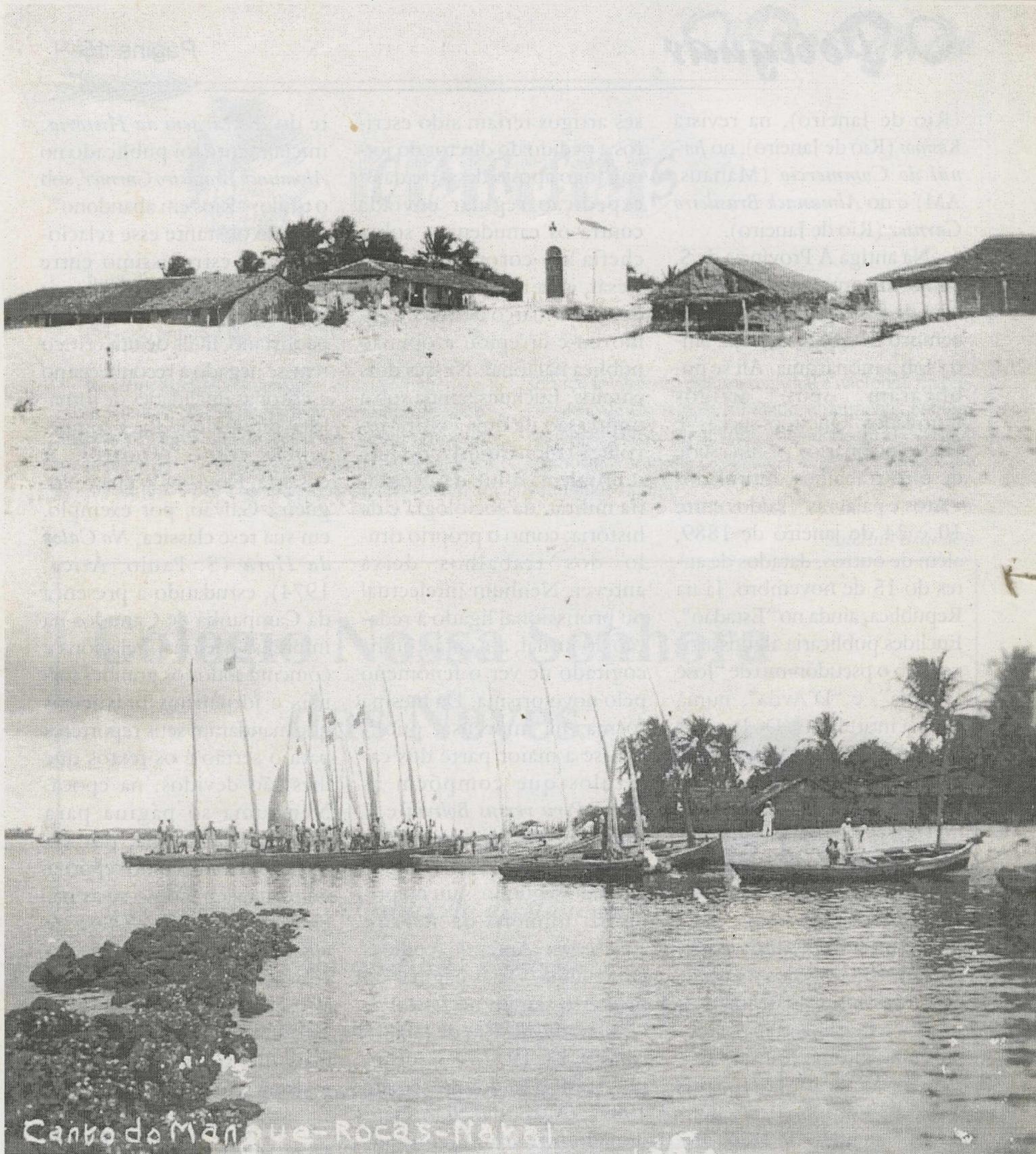
Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo AMORIM

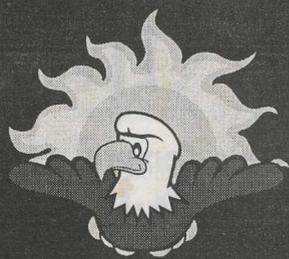


Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551



Praia da Redinha e Canto do Mangue, na década de 30.



**CURSOS
DE VERÃO**

De 07/01 a 01/02/2002

O melhor programa do verão!

A Universidade Potiguar - UnP, na 3ª etapa dos Cursos de Verão, promove 77 cursos que foram selecionados em sintonia com o mercado, gerando novas habilidades para estudantes e profissionais, tornando-os mais competitivos no cenário sócio-econômico atual.

Informações e inscrições: Campus Zona Sul - Av. Engº. Roberto Freire ou pela internet: www.unp.br - e-mail: extensao@unp.br

- GESTÃO DE NEGÓCIOS
- ARTES, EDUCAÇÃO E LÍNGUAS
- SAÚDE
- INFORMÁTICA, ENGENHARIA E ARQUITETURA

UP
UNIVERSIDADE
POTIGUAR

DISQUE EXTENSÃO: 215.8509 e 215.8510